

5.000

292

L. 36542⁶⁾ P.

© TOURO AZUL

L. 36542 (6) P.

O Touro Azul

HISTÓRIA FANTÁSTICA

Ilustrada com gravuras

DE

S. SOUSA

O AMOR DOS VELHOS

POR

MARIA O'NEILL



R. 156110

||| ||| |||

LIVRARIA BARATEIRA

70, Rua Nova da Trindade, 72

LISBOA

O Touro Azul

CAPITULO I

**A princesa Karina perde a rainha sua mãe,
e a madrasta mandou-a guardar gado**

Era uma vez um rei e uma rainha, senhores de um reino muito grande, que se amavam, passados anos, tão extremosamente como no primeiro ano dos seus amores.

Tinham aqueles felizes e reaes esposos uma filha chamada Karina, bela como um dia de primavera, quando tem ar tepido e sol radiante.

A rainha, quando menos se esperava, morreu; e, como o rei sentia a necessidade de amar ainda, casou-se depressa.

O viuvo desposou uma viuva, princeza muito formosa, que, como ele, tinha tambem uma filha, de nome Calixta, a qual era tão feia e má, quanto Karina era formosa e boa; e por isso a mãe e a filha tiveram ciumes de Karina; contudo não ousavam atormenta-la na presença do rei, seu pai.

Um dia, porém, alguns mezes depois do seu casamento, viu-se aquele monarca obrigado a deixar os seus dominios para ir á guerra; e a rainha, aproveitando-se da sua auzencia, começou logo a perseguir a joven princeza, da qual era madrasta, Karina, que era filha de um rei, foi tratada como a ultima das servas. Davam-lhe muito trabalho e pouco alimento, como castigo: tudo o que se pode sofrer excepto a morte.

Mas o que é certo, é que, quanto mais afligida era a princeza, mais bela aparecia sempre.

Disto não se podiam consolar nem a rainha nem a filha, mordidas sempre da inveja que lhe tinham.

Emfim a rainha, para se desembaraçar da princeza Karina, e obstar a que ela fosse pretendida por algum principe, mandou-a para uma campina, e fe-la pastora.

Isto porém, era no tempo em que os animas falavam, havendo tambem então no mundo muitas fadas encantadoras.

CAPITULO II

A princeza tomou conhecimento com o touro azul, que a patrocina

Tocou por sorte á princeza Karina ter de guardar bois, entre os quaes alguns eram bravos.

Mas na manada de bois, que a princeza guardava,

havia um touro, soberbo animal e o mais bonito de todos.

O olhar dele era meigo, cousa rarissima em um touro, as pontas finas e luzidias, e o pelo tinha a côr do azul-celeste.

Os pastores chamava-lhe o «Touro Azul», porque era o orgulho deles e a gloria daqueles campos.

Muitas vezes o touro azul vinha para junto de Karina, e ajoelhava, um pouco pesadamente, porque um touro faz o que pode, e reclinava-se na relva florida. Quando a princeza lhe passava a mão pela cabeça, elle era sem duvida o mais feliz dos touros.

Um dia em que Karina estava assentada á sombra de um salgueiro e chorava, o touro aproximou-se d'ella e disse-lhe:

— Porque choras, formosa Karina?

A princeza não respondeu, mas chorou ainda mais.

— Conheço o teu pesar, pobre Karina — continuou o touro azul. — Choras porque a tua madrasta é cruel; castigam-te e tens fome.

Karina envergonhou-se e fez-se muito côrada, por vêr que tambem adivinhavam os seus pensamentos. Terminaram os soluços da dôr e ella olhou para o touro.

— Não te inquietes — disse este — não te faltará mais nada. Olha para a minha orelha esquerda: que vez de dentro d'ella?

Uma cousa, que parece um guardanapo

— Pois é uma grande toalha. Tira-a, e quando tiveres fome estende-a na relva, e logo aparecerá a mesa posta.

Karina, que tinha sempre fome, quiz experimentar immediatamente se assim era. Estendeu a toalha, e logo mãos invisiveis lhe serviram um delicioso banquete, composto de appetitosas viandas, saborosos peixes e de

liciosas frutas, tendo para bebida o aromático vinho moscatel, servido em uma taça de ouro.

A princeza jantou bem; e como em todos os dias renovava a experiencia, recuperou depressa as forças perdidas, e com elas a frescura da belesa.



...e em seguida a mesa servida deante dela

As suas faces tornaram-se rosas abertas sobre a neve.

A rainha e a filha, no entanto, mordiam-se de inveja, por verem Karina cada vez mais bela, quando esperavam vel-a morrer á fome.

Espiaram-lhe os passos nos campos e nos bosques. O espião escondido atraz de uma moita de azevinho.

viu tirar a toalha do ouvido do touro azul, e em seguida a mesa servida deante dela.

Avisou a rainha que não pode vingar-se do touro azul e da princeza porque recebeu a noticia da volta do rei, e por isso chamou a toda a pressa Karina, sem de estar no palacio quando ele chegasse.

CAPITULO III

A vinda do rei e as festas que houve. A rainha
quere um bife de carne do touro azul, que fugiu com
a princeza

O rei voltou á capital victorioso e com muitas riquezas. Houve grandes festas em todo o reino, e no palacio, Karina, mais que todos, sentia-se feliz com a volta de seu pae. A rainha, que não podia maltrata-la deante dele, quiz vingar-se do touro azul.

Um dia a rainha fingiu-se doente, e o seu medico, seduzido por uma boa soma, declarou que ela não recobriria a saude, se não comesse um bife de carne de um touro azul.

Em todo aquele grande reino não havia mais que um touro azul, unico protector e amigo da infeliz princeza.

Grande foi a admiração de todos, e maior ainda a dor de Karina quando se divulgou esta noticia. A princeza não teve animo de dizer nada ao rei, com receio de magoar o seu bom coração: porém, ao dar a meia noite, deixou furtivamente o quarto, abriu a porta do palacio, e largando a correr pelos campos fóra chegou por fim, depois de muitas fadigas, ao curral, acariciou

meigamente o touro azul, sentou-se junto d'ele, beijou-o, beijou-lhe a cabeça e chorou.

— Porque choras? — perguntou o touro azul.

— Porque te querem matar.

— Já sei.

— Já sabes!? — murmurou Karina, admirada.

— Sim, já sei. Mas o que tu não sabes é que depois



...partiram ambos por aqueles montes e vales fóra

de me matarem, hão-de fazer-te o mesmo O rei é bom mas muito fraco.

A princeza ouvindo isto, horrorisou-se e começou a tremer com medo.

— Ha só um meio de evitarmos a morte — disse o touro azul. — Queres fugir comigo?

Karina achou difficil e custoso deixar o pae, mas era joven, amava a vida e temia a morte.

— Pois bem, fujamos! — disse ella, de repente.

Em seguida a princeza desatou a corda que prendia o touro, e este disse-lhe que subisse sobre elle, o que ella fez: e depois de estar assente e segura, partiram ambos por aqueles montes e vales fóra.

No dia seguinte ninguem mais viu o touro azul nem a princeza. Tocaram a rebate, e foram enviados muitos soldados a pé e a cavallo pelos campos e montanhas, em procura da princeza e do touro azul; em seguida mandaram postilhões pelas quatro partes do mundo, e todos voltaram sem terem podido descobrir o menor vestigio dos fugitivos.

CAPITULO IV

O touro azul atravessa um bosque de arvores de cobre, e tem um combate com um feiticeiro de tres cabeças por causa da princeza

Em quanto procuravam por toda a parte os fugitivos, nem os encontrarem, nem terem noticias deles, atravessava o touro azul, levando sempre a princeza sobre si, paizes estranhos, em que Karina nunca tinha ouvido falar, até que por fim acharam-se na entrada dum bosque, cujas arvores eram de cobre. Troncos, ramos, folhas e frutos, tudo era de cobre puro.

— Antes de penetrar neste bosque — disse o touro á princeza, — previno te que, se tiras uma só folha, estamos perdidos. Este bosque pertence a um feiticeiro com tres cabeças, ciumento e proprietario feroz.

Pune com a morte o menor atentado contra os seus dominios.

— Fica tranquilo—disse Karina— que não tocarei em nada.

E ambos iam com toda a precaução: a princeza abaixando a cabeça, inclinando-se e desviando os ramos com as mãos. Mas o bosque tornou-se tão fechado que não se podia avançar. Apesar de todas as precauções Karina, sem querer, arrancou uma folha que lhe ficou na mão.

— Ah! desgraçada, que fizeste?—disse o touro.— O feiticeiro vae tornar-se furioso e terrível. E' preciso combater pela tua vida. Mas, visto que arrancastes a folha, guarda-a no bolso.

Assim caminharam um bom espaço, socegradamente, sem outro acidente, por entre aquela espessura do bosque: mas no momento em que iam a chegar ao lado oposto, appareceu-lhes a feiticeiro de tres cabeças com os olhos chamejantes de colera:

— Eu quero saber—disse ele irado e com voz de trovão—quem arrancou uma folha do bosque?

— E' tanto teu como meu—replicou-lhe o touro azul.

— E' o que vamos ver—disse o feiticeiro, preparando-se para o combate.

O touro azul fez outro tanto, dizendo á princeza que saltasse em terra, e em seguida os dois campeões começaram um combate que durou um dia inteiro.

Por fim o touro azul matou o feiticeiro de tres cabeças, que ficou no campo de combate.

Mas tambem o touro azul não foi tão feliz que não ficasse morto de fadiga, coberto de suor e deitando sangue por vinte feridas. Contudo ainda pôde levantar cabeça volumosa, e olhando docemente para Karina chorava:

— Vês — disse ele — essa caixinha, que pende da cinta do feiteceiro?

— Vejo — disse ela.

Pois está cheia de balsamo; tira-a e derrama esse balsamo nas minhas feridas.

A princeza assim o fez, e o efeito do balsamo foi maravilhoso.

No dia seguinte, depois da princeza estar assentada sobre o touro azul, continuaram o seu caminho.

CAPITULO V

O touro azul atravessa um bosque de arvores de prata, e outro de arvores de ouro e batalha com um feiteceiro de seis e outro de nove cabeças por causa da princeza.

Depois do touro azul estar curado das feridas, que recebeu do feiteceiro das tres cabeças, saiu do bosque das arvores de cobre com a princeza Karina, e tendo caminhado alguns dias, encontraram uma floresta. Esta era toda formada de arvores de prata.

O touro fez a Karina a mesma recomendação que lhe fizera quando entraram no bosque das arvores de cobre.

— Não toques em nada. A floresta pertence a um feiteceiro de seis cabeças, e eu posso não ser tão feliz com este como fui com o outro.

— Fica tranquilo, — disse Karina — que hei-de ter o maior cuidado.

A floresta cerrou-se logo. Um galho bateu nos olhos da princeza; e querendo ela desvia-lo, arrancou uma folha.

— Tu queres a nossa morte?... — disse o bom do touro. — E' preciso agora combater com o feiteceiro de seis cabeças... Não importa, combatarei e tu guarda a folha que tens.

O feiteceiro apareceu logo, terrível; Karina apeou-se, e a batalha começou, durante tres dias. O touro varrou-o; porém, caiu sem movimento e quasi sem vida, junto do vencido.

O feiteceiro de seis cabeças, que estava morto, também trazia consigo um balsamo, com o qual a princeza deu no touro umas fricções, que o reanimaram e lhe saíram as feridas.

No fim de uma semana continuaram o seu caminho. O touro porém sofria ainda muito.

— Sou jovem, — disse Karina — o meu passo é ligeiro e o andar a pé far-me-ha bem; deixa-me andar.

E ia colhendo punhados de ervas frescas, que dava ao touro; mas este obrigou-a a monta-lo de novo.

Andaram muito tempo, e Karina já nem sabia onde, estava.

Chegaram por fim á entrada de uma nova e grande floresta, que era de arvores de ouro.

Karina nunca tinha visto uma cousa tão bonita: o cimo das arvores brilhavam aos raios do sol: os grandes troncos alumiavam o bosque com seu brilho e das folhas, que o vento agitava com um sussurrosinho sêco, caía sobre a terra um orvalho de gotas de ouro.

Debalde recomendou o touro a Karina que não tocasse em cousa alguma de aquelle bosque encantador: ao cabo de alguns minutos ficou-lhe desta vez uma maçã de ouro na mão. Surgiu então um feiteceiro de nove cabeças, que o touro ainda venceu mas só depois de oito dias de sanguinolenta batalha. O touro, porém, recebeu tantas e tão profundas feridas, que ficou doente um mez inteiro, sendo sempre tratado com muito

carinho pela princeza, a qual todos os dias lhe curava as feridas com o balsamo que encontrava na cinta do feiticeiro, que se não pôde aproveitar dele, porque o touro azul não lhe deu tempo para isso.

CAPITULO VI

Avistando um castelo, o touro azul pediu á princeza que o degolasse, e ela assim o fez, chorando muito

Depois do touro azul ter estado doente um mez inteiro, por causa das feridas que recebeu na batalha com o feiticeiro de nove cabeças, que guardava o bosque de arvores de ouro, sentindo-se com forças para a jornada, disse á princeza Karina que subisse acima dele, e continuando o seu caminho, atravessaram regiões aridas e terras ermas, subindo montanhas cujos cimos eram de gôlo e as encostas tudo neve.

De repente toparam com um penedo de enorme altura e comprimento, que lhes impediu o caminho.

— Não vês alguma cousa? — perguntou o touro á princeza.

— Vejo o ceu e horriveis precipicios.

— Vamos para diante — disse elle.

E trepou ao rochedo.

— E agora o que é que avistas?

— Ah! lá... lá... longe, muito longe, avisto um castelo pequenino.

— Não é tão pequenino como te parece — disse o touro. — Parece-te assim, porque está ainda muito longe.

E continuou resolutamente o seu caminho até que

chegaram perto duma alameda, cuja entrada era abobada formada por grandes rochedos.

— Agora vejo bem o castelo, — disse Karina — está perto e é muito grande.

— É lá que tu vaes, — disse o touro — desce; volta-te para a direita, e verás um vestido feito de tecido de madeira; veste-o por cima do teu vestido. No palacio hão-de perguntar-te o teu nome, que lhe dirás, mas não que és filha de um rei, nem que vieste com o touro azul, e o que nos succedeu pelo caminho.

— E tu — disse Karina — para onde vaes e que fazes de ti?

— Vaes vêr; péga na tua faca e corta-me a cabeça.

Karina fez um gesto de horror e deu um grande grito.

— Vamos! — disse o touro a Karina — quando a faca corta bem não faz mal a ninguém.

Karina estava muito tremula e palida, mas vendo a insistencia do touro azul, preparou a faca.

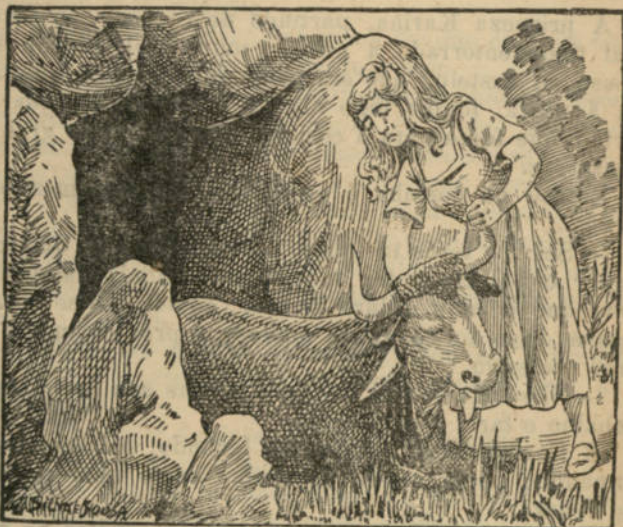
— Assim que me cortares a cabeça — disse o touro — has-de esquartejar-me, tirando-me antes a pele, na qual embrulharás a folha de cobre, a de prata e a maçã de ouro. Depois enterrarás tudo junto daquelle rochedo, perto do qual haverá um cajado: quando tiveres necessidade de qualquer cousa vem aqui, pega no cajado e bate com elle no rochedo. Está dito, avia-te e faze quanto te disse.

Karina não se mechia, porque sentia grande repugnancia em cortar a cabeça ao seu amigo. O touro insistiu, asseverando que era o unico beneficio que lhe podia fazer para lhe provar a sua gratidão.

Karina vendo que aquilo que o touro lhe pedia era cousa muito do seu gosto, não quiz recusar-lhe um favor tão pequeno, e chorando muito pelo touro azul,

cortou-lhe a cabeça tão facilmente como uma camponesa corta o talo de um cravo.

Quando acabou de executar as ordens do touro,



...e chorando muito pelo touro azul cortou-lhe a cabeça

sentiu que lhe faltava o animo, e poz-se novamente a chorar. Depois de se affligir muito, fez como todas as mulheres, consolou-se um pouco, e em seguida vestiu o roupão e foi até ao castelo.

CAPITULO VII

A princeza, chegando ao castelo, fica nele como criada de servir, e vai á missa com um vestido enfeitado com bordados de cobre

A princeza Karina, partindo do rochedo, ao pé do qual tinha enterrado a pele do touro azul, chegou depressa ao castelo, que era perto dali; e assim que bateu á porta, foi-lhe logo aberta, dizendo-lhe o guarda portão que fosse para a cosinha, que era muito grande e assejada.

Entrou na cosinha e pediu que lhe dessem algum serviço.

— Serviço terás tu—disse o cosinheiro—se quizeres limpar o palacio e ter tudo assejado aqui; mas preveno-te que o osso é duro de roer; aquella que se encarregava disso foi-se agora embora, e provavelmente tu farás o mesmo.

— Não irei;—disse Karina—porque sou boa para o trabalho e farei o meu dever.

E Karina ficou no palacio lavando, esfregando, e limpando; podia ver-se no soalho como num espelho de Veneza.

No domingo seguinte esperavam-se visitas no castelo.

— Eu quero levar agua ao quarto do principe—disse Karina para os outros creados.

Eles todos receberam-lhe o pedido com gargalhadas de mofa.

— E que queres tu ao principe?—perguntaram-lhe eles.—Pois tu pensas que o principe olhará para ti, sendo tu como és?

Ela insistiu tanto que a deixaram ir; porém a po-

bresinha fez tanto barulho ao subir as escadas, que o príncipe saiu do aposento.

— Que diabo de creatura é esta? — disse ele, olhando desdenhosamente para Karina.

— Príncipe, eu sou a pobre Karina, vossa serva que vem trazer-vos agua.

— Eu não quero saber da tua agua! — disse o príncipe com desabrimento.

E tirando o jarro das mãos deu-lhe com ele na cabeça. O príncipe não era muito polido.

Karina cabisbaixa e muito envergonhada, desceu a escada. Mas, como era muito religiosa, recordou-se que era domingo, e pediu licença para ir á igreja, o que lhe não poderam recusar: antes disso, porém, foi primeiro á colina, ao logar onde tinha enterrado a folha de cobre, a de prata e a maçã de ouro embrulhadas na pele do touro azul. Pegou no cajado, e bateu com ele no rochedo, o qual, de repente, se entreabriu e appareceu um homem.

— Que me queres tu? — perguntou ele á princeza.

Karina pareceu-lhe reconhecer naquela voz a do touro azul.

— Queria ir á missa, e não tenho vestido.

— Toma: aí o tens.

E no mesmo instante o homem do rochedo deu-lhe um vestuario completo, todo enfeitado com bordados de cobre. A princeza, toda maravilhada, olhou em volta de si e viu a seu lado um cavallo, cujos arreios, freio, rédeas, estribo e selim, eram ornados com o mesmo metal.

Karina, tomando as rédeas, montou no cavallo e foi á igreja.

Tinha tal brilho a sua beleza, que todo o mundo se admirava dela, perguntando uns aos outros quem era.

Quanto ao príncipe, esse sentiu-se de tal modo enfeitiçado pela bela desconhecida, que não podia tirar os olhos dela.

Quando Karina saiu da igreja, deixou cair uma das luvas. O príncipe, que a acompanhava, apanhou-a: e como ela se preparasse para montar:

— Quem sois? — perguntou ele.

— Eu sou do paiz do jarro de agua! A luz vae na minha frente, para guiar os meus passos; e atraz de mim seguem-me as trévas, para protegerem a minha fuga!

E desapareceu, deixando a luva nas mãos do príncipe. Este, que nunca tinha visto uma luva tão pequenina, procurou por toda a parte, sem achar, a mão a quem pertencia. No castelo ninguem desconfiou que fosse Karina.

CAPITULO VIII

Karina vai á missa com um vestido de prata

Passaram-se bastantes dias no castelo sem succeder nada á princeza, mas falando-se muito na formosa desconhecida que estivera na missa com um vestido tão brilhante.

Chegou, porém, o domingo seguinte, e o príncipe teve necessidade de uma toalha.

— Eu vou levar-lha — disse Karina.

— Vaes? pois olha que te recebe tão bem como te recebeu com a agua.

— E' o mesmo; dêem-me a toalha.

A princeza pegou na toalha e subiu a escada fez tanto barulho, que o príncipe, impaciente.

à porta do quarto; e, quando viu Karina, tirou-lhe das mãos a toalha, que atirou ao chão dizendo:

— Pois tu julgas, feia e desastrada creatura, que eu havia de querer, para limpar o macio rosto, e delicadas mãos, uma toalha que os teus dedos sujos tivessem tocado e manchado?

E deu-lhe um empurrão, que por pouco a não deitou pela escada abaixo.

Karina voltou para a cosinha, vergonhosa e chorando. E toda a creadagem lhe disse:

— Para que foste lá? E' bem feito, para teres juizo.

O principe foi naquele dia á egreja.

Depois que o principe saíu disse Karina ao mordomo do castelo:

— Eu queria ir ao officio divino.

— Com essa cara? Não vale a pena. Ninguém vae á egreja com esse traje. Toma conta da casa.

— Ah! — disse a pobre princeza — o prégador é muito instruído e dá-me muita consolação ouvil-o.

— Pois então vae.

Karina foi, não á egreja logo, mas ao seu rochedo.

Pegou no cajado, bateu, e appareceu-lhe o mesmo homem; que lhe ofereceu um vestuario mais rico que o primeiro: era de prata tão brilhante como os raios da lua.

Um magnifico cavallo mordia o freio de prata. A cabeça, as rédeas, o estribo e o selim, estavam primorosamente ornados de bordados de prata.

Quando chegou á porta da egreja, todos se admiraram, e o principe veio logo para ajuda-la a apear-se; mas ella saltou ligeira em terra sem lhe aceitar a mão.

O cavallo, que era muito docil, estendeu as pernas e abaixou-se até que o estribo tocou quasi na terra.

Todos entraram na egreja, e ninguém escutou o sermão, porque a princeza atraía todas as atenções.

Entretanto o amor aumentava cada vez mais no coração do príncipe, e no momento em que Karina quiz sair, ele correu para junto dela e perguntou-lhe:

— De onde sois, formosa desconhecida?

— Sou do paiz das toalhas! — respondeu ela.

E deixou cair o chicotinho.

O príncipe abaixou-se para apanha-lo, e depois ofereceu-lho, porém ela não o aceitou e disse-lhe:

— Adeante de mim vae a luz para guiar os meus passos; atraz seguem-me as trevas para occultarem o meu caminho.

E desapareceu como um relampago.

Todos ficaram admirados da bela desconhecida e do seu proceder.

O príncipe esquadrinhou por toda a parte onde seria o paiz das toalhas mas não o achou, nem quem lhe dêsse os menores vestígios de Karina. Ninguém sabia nem deu noticia de tão bela creatura.

CAPITULO IX

A princeza vai no terceiro domingo á missa com um vestido de ouro, que maravilhou a todos, e deixa um sapatinho de ouro ao príncipe

No castelo só se falava na formosa desconhecida, e até perguntaram a Karina, se a tinha visto.

Ela, porém, respondeu-lhes que quando ia á missa era para rezar, e não por causa de formosas desconhecidas, nem dos seus vestidos brilhantes.

E em conversas e contos maravilhosos se passaram muitos dias no castelo, onde, no terceiro domingo, o príncipe quiz um pente.

— Eu vou leva-lo — disse Karina.

— Recorda-te como ele te tem recebido das outras vezes — lhe replicaram os creados.

— Irei ainda uma vez — insistiu a princeza.

A terceira tentativa não foi mais feliz do que as duas primeiras, e desta vez ainda a pobre Karina foi vergonhosamente expulsa pelo principe, que cada vez parecia mais irado contra ela.

O principe, que era muito religioso, quando não estava zangado, foi á egreja, e Karina obteve licença para ir tambem.

O magico do rochedo dispôs as cousas por modo ainda mais maravilhoso do que o tinha feito até ali. Deu á princeza um vestido de ouro todo recamado de diamantes; o selim e mais arreios do cavallo eram todos marchetados e enriquecidos de brilhantes, perola e rubis, e o freio era de puro ouro,

Quando Karina se aproximou da egreja, o prégador desceu do pulpito, e com todo o seu povo foi recebe-la á porta.

O principe ofereceu-lhe ainda a mão para aprear-se, mas ella não aceitou.

Entraram na egreja, e o prégador subiu ao pulpito, mas ninguem soube o que elle disse nesse dia, e talvez elle mesmo o não soubesse; em todo o caso ninguem o escutou. Todos os olhos se voltavam e fixavam para o lado de Karina.

O principe não via outra cousa que não fosse ella.

Quando terminou o officio, o principe mandou derramar uma barrica de alcatrão, para ter occasião de ajuda-la a este obstaculo; Karina, porém não reparou nisso, pôs o pé bem no meio do alcatrão, e passou, deixando apenas um dos seus sapatinhos de ouro.

— Quem sois, e de que paiz vindes? — perguntou o principe, vendo-a montar o cavallo.

— Eu sou do paiz dos pentes — respondeu ella.

O principe pretendia calçar-lhe o sapatinho, porém ella disse-lhe como das outras vezes :

-- Deante de mim vae a luz para guiar os meus passos, e atraz seguem as trevas para protegerem a minha fuga.

E desapareceu com a rapidez do pensamento.

O pobre principe, mais cativo que nunca, largou por esse mundo além em procura do paiz dos pentes, mas ninguem lho soube indicar.

De volta ao seu estado, mandou anunciar ao som de trombetas e tambores, que desposaria a jovem que pudesse calçar o sapatinho de ouro.

De todos os paizes vieram jovens, velhas, bonitas, e feias mas o sapato a ninguem servia.

Finalmente a madrasta de Karina tambem veio com sua filha Calista. A joven calçou o sapatinho, e todos viram, com grande admiração, que o pé da princeza entrara no sapatinho de ouro !

— Viva a princeza ! — gritaram os cortesãos.

CAPITULO X

O principe, estando para casar com a princeza Calixta, sabe que o sapatinho de ouro é de Karina, e casa com ella

Apezar dos vivas que os cortesãos deram á princeza Calixta, quando lhe viram calçar o sapatinho de ouro, o principe ficou muito descontente, porque esta em nada se parecia com a formosa desconhecida.

Calixta era tão feia, que o principe não se apressou em cumprir a sua palavra.

E foi por isso que os preparativos para o casa-

mento se fizeram muito vagarosamente. Afinal fixou-se o dia, e enfeitou-se a noiva com todas as joias da corôa.

O príncipe, acompanhado da sua futura esposa, e seguido de toda a côrte, tomou o caminho da igreja, onde por tres vezes tinha visto a sua bela desconhecida.

Os cortesãos, a quem nada escapa, notaram entre si que o príncipe, seu senhor, estava pensativo e triste.

De repente pararam, o príncipe e o cortejo. Empoleirado no ultimo ramo de um pinheiro estava um pintarraxo, que cantava assim.

— Pobre dedo! Pobre calcanhar! está cheio de sangue o sapatinho de Karina. O sapatinho de ouro está incomodando a noiva!

Olharam logo para o pé da princeza, e viram que o passarinho cantava a verdade.

O sapatinho parecia suar sangue.

Foi preciso voltar para o palacio: descalçaram a princeza, e o sapatinho ficou á espera de outro pé que lhe servisse.

— Onde está essa Karina? -- disse o príncipe — é preciso que ela venha experimentar esse sapato.

— Oh! é inutil — disseram lhe os creados — ela é creada do castelo, e tem o pé tão grande como o de um homem.

— Não importa, — retorquiu o príncipe — é preciso que ela faça como as outras.

Foram chamar Karina, que subiu a toda a pressa ao quarto do príncipe, arrastando o seu vestido de tecido de madeira pelos degraus.

— Vamos, disse o príncipe, rindo — calça o sapato e torna-te princeza.

Puzeram-se todos a rir como o príncipe.

Porém Karina, sem fazer caso das chocarrices dos cortesãos, e sem esforço algum, introduziu o seu deli-

cado pé no sapatinho de ouro; no mesmo instante caiu o vestido de madeira desfeito em mil pedaços, e Karina apareceu com todo o brilho da sua beleza e com todo o esplendor do seu vestuário de fada. O pé estava calçado com o sapatinho de ouro que faltava.

O príncipe reconheceu aquela que ele amava, e amou-a muito; e, como era absoluto, desposou-a logo.

Na noite do noivado um pintarroxo batia com as azas e o bico na vidraça do quarto de nupcias. Karina entreabriu a janela, e o passarinho veio pousar na corôa do leito, e cantou:

— Eu sou a fada protectora dos corações amantes, e de todos os que são fieis. Karina recorda sempre o touro azul.

E batendo as azas, o pintarroxo voou pela janela fóra, e ninguém mais o viu até hoje.

FIM

MARIA O'NEILL

O Amor dos Velhos

João de Lima era um velho de oitenta anos, comparavel no fisico a uma castanha pilada, e no moral a um homem de vinte e cinco.

Sua irmã, mais nova do que ele na idade, mas mais envelhecida na realidade e na apparencia, falecera poucos meses antes deixando-o completamente só. Sentiu então ele, como nunca, o peso da solidão; as horas pareciam-lhe seculos, e os serões interminaveis. Morava num Jez-do-chão duma rua estreita e escura, e na pequena sala da sua habitação passava muito tristemente as noites e os dias sem ir ver as suas flores, sem se importar que elas murchassem nos canteiros e as hervas invadissem as ruas do pequeno jardim.

Ele, que mantivera sempre a alegria dos verdes anos, sentia-se, pela primeira vez da sua vida, irremediavelmente triste.

Numa noite quente e abafada de julho, sentado á sua secretaria, relia, chorando, *As memórias da mocidade*, volume que escrevera ainda em vida da irmã, não para entregar á publicidade, mas para se deleitar com o sabor delicioso da saudade.

Num primeiro andar, em frente, vivia uma mulher velha, cujo rosto conservava ainda vestigios de beleza, mas que tinha uma fisionomia tão triste que, sem querer, ao olha-la, pensava-se que a ideia da morte a perseguia como uma corôa de espinhos que é forçoso aceitar.

Sósinha com os seus dois gatos, a senhora D. Bri-

tes de Almeida tinha por unica occupação as flores que ornavam a sua varanda e os cuidados da sua minuscule habitação.

Não tinha criada porque, dizia ella, ao contrario do grande santo, *era inimiga escusada e nunca poupada*. A' noute, detestando os mosquitos, e não tendo já olhos para leituras, não acendia a luz: e, ás escuras, sentada perto da janela, a casa de João de Lima era o seu teatro. Como a rua não tinha saída, só servia de transitto aos moradores e no socego noturno ella deliciava-se ouvindo a conversa dos irmãos e as suas leituras.

Não os conhecia, nunca lhes falara, nem mesmo os cumprimentava; mas tanto identificara a sua vida com a deles, que nos seus soliloquios tratava-os pelo João e a Angela e, quando esta morreu chorou copiosamente como se lhe houvesse morrido uma pessoa de familia e... vestiu-se de preto. A ninguem disse o seu pesar (não falava com a vizinhança) nem mandou os sentimentos ao irmão, porque era pessoa de character muito reservado. Mas soffria da dôr do velho e chorava, de longe, com elle, numa simpatia ingenua e bôa, que, na velhice, só conservam as almas generosas.

Naquella noute, João de Lima chorava, e fechando o livro, exclamou:

— Oh! a tristeza de não ter ninguem com quem falar! Ninguem com quem trocar um pensamento! ..

E um soluço prolongado abafou-lhe a voz na garganta.

Pareceu-lhe que um soluço respondia ao seu.

Ergueu a cabeça, olhou, mas não viu ninguem.

Momentos depois sentiu que lhe batiam levemente á porta.

Ergueu-se admirado, limpou as lagrimas á pressa. — foi abrir, pensando:

— E' alguem que vem enganado.

Vendo em frente de si uma pessoa que não conhecia, porque nunca reparara no primeiro andar fronteiro, apesar de morar naquela casa á mais de oito annos, João perguntou :

— Quem procura ?

— O senhor João de Lima.

— Sou eu proprio.

A. senhora D. Brites estacou enleuada. Compreendeu momentaneamente que era uma estranha para o seu vizinho e não soube que dizer. Entretanto João de Lima observava-a e, vendo que ella nada dizia, perguntou-lhe :

— Em que posso ser-lhe util ?

— Estas horas são realmente improprias para procurar alguém, mas... emfim, se não o incomodo desejava dar-lhe uma palavra.

— Faça favor de entrar.

E, dando duas voltas á chave, o senhor João introduziu na sala a sua visita, receioso e desconfiado pelo improprio das horas. Ofereceu-lhe urbanamente uma cadeira, junto da secretaria, dizendo :

— Estou ás suas ordens, minha senhora.

— O que eu tenho a dizer-lhe, murmurou a velhita com voz tremula, é muito estranho e não sei como o receberá. No entanto peço-lhe que me escute com attenção e sem me interromper porque, no habito que tenho de estar sempre só e não ter ninguem com quem falar, atrapalho-me quando perco o fio das minhas idéias.

— E' muito natural.

— Sou sua vizinha e moro no primeiro andar aqui defronte, onde vivo desde que casei, ha cincoenta annos. Ali perdi o meu marido e o meu filho e, já agora, ali espero morrer. O meu nome é Brites de Almeida.

Quando ella disse que se chamava assim, o senhor João teve um momento de surpresa : mas fiel á promessa de guardar silencio, não interrompeu a sua interlocutora.

— Vivi, continuou ela, sempre só, desde a morte de meu filho, e em breve se me tornou impossível trabalhar ou ler á noute. Foi por esse tempo que os senhores vieram morar para aqui.

Tornou-se muito vermelha e continuou quasi balbuciando.

— O senhor tinha o costume de ler alto e, como a rua é estreita, eu entretinha me a ouvi-lo, depois... a minha vida identificou-se de tal forma com a sua, que... sem eu perceber bem como, João e Angela tornaram-se-me pessoas de familia. Conhécia os seus desgostos, o seu passado... tudo... e, quando Angela morreu, chorei-a como uma irmã e vesti luto por ela. Não lhe mandei os pezames, porque o senhor João não me conhecia e não me pareceu bem vir intrometer-me ne seu desgosto; mas depois chorei e sofri consigo sempre. Hoje ao ouvir a sua exclamação, senti-me tão impressionada que, sem reflectir em quanto havia de insolito no meu procedimento, atravessei a rua para lhe dizer: «Nós sofremos do mesmo mal. Desabafe comigo, porque ha oito anos que eu conheço e partilho os seus pesares». Mas ao chegar em frente da porta, senti a incorrecção que durante anos não percebi, e que só vi claramente quando o senhor João me perguntou: «Em que lhe posso ser util?» A minha vontade foi sumir-me pelo chão abaixo sem lhe responder; mas... era tarde para recuar. Decidi-me a ser franca consigo... e agora, perdôe-me e não me queira mal.

— Querer-lhe mal!...

E João de Lima estendeu-lhe ambas as mãos no movimento impulsivo do naufrago que encontra uma taboa a que se agarra na ocasião em que cae á agua.

.....

Era passado um mês depois dos acontecimentos que descrevemos, e a janela da sala de D. Brites, que tantos anos passara envolta em trevas, estava agora todas as noites brilhantemente iluminada.

Sentados á mesa, tomando chá e conversando, o serão dos dois velhitos prolongava-se por altas horas. Almoçavam juntos em casa de João, arranjavam a casa, e depois vinham para defronte, onde em comum faziam os mesmos arranjos, jantavam e passavam o serão. Quando o sono lhes chegava era tarde (os velhos dormem pouco): o senhor João regressava á sua pousada e, no dia seguinte, recomeçavam alegremente a vida. Nunca nenhum deles se tinha sentido tão feliz durante a sua longa existencia.

A vizinhança, sempre maldosa, cochichava e ria.

Eles nem por isso davam. Um dia, recordando a mocidade, lembraram-se de que se tinham conhecido em novos. Viram-se apenas uma unica vez, em casa dum tio que Brites tinha em Cintra. Que formosos eram ambos então! Lembraram se!... Se tivessem continuado a vêr se deviam têr-se amado... E os seus olhos apagados trocaram um relampago de vida.

De outra vez, João disse-lhe rindo, ao passo que lhe mostrava um retrato do tempo em que era belo;

— Se eu assim fosse, dir-lhe-hia que a amava, Brites.

— O quê? mesmo assim velha?

— Mesmo assim.

— Então diga-o, João, porque, se já não temos corpo, a alma vive, goza e, meu amigo, será infinita com a amisade que nos une.

— E será amisade o que nós sentimos um pelo outro?

— Tem outro nome, meu amigo, mas não é bonito.

— Diga sempre. É...?

— *O amor dos velhos.*

— Tem razão,

E ficaram a olhar-se embevecidos...

Um ano depois, dois enterros saíam á mesma hora de casa do senhor João de Lima e da sua vizinha. Ele morrera duma lesão cardíaca e ela, assistindo-lhe aos ultimos momentos, morrera repentinamente, ao vê-lo expirar.

— Que cousa estranha! comentava admirada a vizinhança: morrerem no mesmo dia e levaram o mesmo enterro!

E uma velhita que rezava nas contas, tres portas abaixo daquelas de onde saíam os caixões, limpava os olhos vermelhos á ponta do avental, murmurando:

— Se eles fossem novos, não teriam ido ao mesmo tempo... O coração dos velhos é assim: quando os anos não conseguiram impederni-lo, põem tudo num sentimento. Pobre D. Brites! Deus dê paz á sua alma!

E passando entre os dedos as velhas contas de madeira, começou em tom dolorido:

Padre nosso que estaes no céu...

E seguia com olhar compassivo os dois ferretros que, um apoz outro, voltaram a esquina da rua, continuando machinalmente a oração, enquanto o desenvolto pensamento tentava prescutar os insondaveis misterios de Além-tumulo.

FIM

